

CCB

CENTRO DE ESPECTÁCULOS



MÚSICA
PORTUGUESA
HOJE

Conferência

12 Julho | 15H | SALA DE LEITURA

JORGE LIMA BARRETO

“Estética da Comunicação Musical: a improvisação”

Improv . musa lusa

Num pequeno parêntesis e depois de confirmada a tendência multicultural, a desterritorialização e o transnacionalismo da nova música improvisada, pode-se – apenas pela referência ao passaporte – declinar alguns nomes nacionais, tendo sempre em conta que a capilaridade estilística e o intercâmbio são apanágio desta acção musical. Podemos, por ordem cronológica e desde os finais da década de 1960, com a criação da Associação da Música Conceptual por J. Lima Barreto e C. Zíngaro, até à hodierna e debutante cooperativa Granular, alinhar algumas figuras relevantes da música portuguesa, artistas com carreiras comprometidas no projecto da improvisação contemporânea, num sector do experimental; todos foram de certa maneira polinstrumentistas: sopra, corda, percussão, vocalismo; ou com inclinações electroacústicas, concretistas e, recentemente, informáticas, *lap top*, manipulação do computador tido com instrumento musical e invenções de *computer music*; interarte & multimédia; auto-produtores e engenheiros do seu próprio som; relacionaram improvisação musical com interacções artísticas e tecnológicas. (e.g. improvisação marchetada nas composições em Constança Capdeville, a mais atenta ao fenómeno improvisacional, Jorge Peixinho, Cândido Lima, António Sousa Dias, João Pedro Oliveira, António Pinho Vargas, Vítor Rua, Miguel Azguime, e.a.). Num carácter idiomático da música portuguesa, o guitarrista Carlos Paredes é *facile princeps* da improvisação, à qual se dedicou generosamente.

Soslaiemos algumas discursividades improvisadas por intérpretes classicistas (e.g. João Pedro Oliveira, órgão; A. Victorino D'Almeida, piano; Pedro Carneiro, percussão; Pedro Burmester, piano; José Machado, violino; Power Trio, piano, harpa e guitarra; e.a.); devaneios de conspícua qualidade *pop/rock* com inúmeros proclamados heróis; ou improvisadores parajazzísticos em interlúdios de improvisação total, do solo ao pequeno conjunto, aquando declinaram momentaneamente a ortodoxia do jazz, i.e. os que viveram em profundidade a osadía do discurso sem restrições em situação de registo fonográfico ou em concerto no âmbito da improvisação (e.g. os contrabaixistas Jean Saheb Sarbib, Zé Eduardo, Carlos Barreto, Carlos Bica; os sopradores Rão Kyo, Carlos Martins, Rui Azul, Laurent Filipe; os pianistas A. Pinho Vargas, Mário Laginha, Manuel Guimarães, João Paulo Esteves da Silva, Bernardo Sasseti, e.a.; a vocalista Maria João; os guitarristas José Peixoto, refinado; ou, afins da pista do *rock*, como Filipe Mendes, Flak, Joel Xavier, e.a.; os bateristas/percussionistas Mário Barreiros, Acácio Salero, José Salgueiro, e.a.).

Importantes improvisadores portugueses, aqueles que

conheceram mais internacionalizações, em interacções qualitativas e quantitativas e participaram em realizações de decisão e intervenção originais como compositores/intérpretes, arautos de agrupamentos heterónimos, mesmo em criações inéditas e consideradas pela História da Música Contemporânea (e.g. o mirífico C. Zíngaro, violino, arranjo, *electronics*, computação, *primus inter pares*; Zíngaro foi um dos propaladores da pós-modernidade e, na sua carreira apocalíptica, considerou as mais diversas acções, interarte, multimédia e cibnética; Jorge Lima Barreto, piano, teclados & mixed media & electronics & ready made, sintetizador, *performance art*, *jazz-off*, *multiface* - fundou e coordenou a Anar Band, radicalismo e performarte; o Plexus, ensemble polissónico dirigido pelo Zíngaro; José Ernesto Rodrigues, veterano imaginativo em viola e condução orquestral; com um activismo sem paralelo, proposta temática para vigorosas improvisações, culturalmente caucionadas pelo vanguardismo artístico e pela teoria da *free-music* – posta em prática nos conjuntos mutantes da Variable Geometry Orchestra; Carlos Bexegas, indómito e prospectivo em flauta & electronics; Emanuel Dimas de Melo Pimenta, informática, *sound design*; Melo Pimenta consagrou-se a nível internacional pelo seu posicionamento cageano, pela *recherche* em música virtual, numa notável actividade poética multimédia e em ordenações informáticas, interarte, instalação ambiental, arquitectónica; Telectu (1982-2008), duo carismático e semafórico, acções implantadas em culturas inabitais, como na URSS ou na China, tapeçaria de experiências, heterofonia, poliestilismo; apresentação pioneira de modelos instrumentais acústicos e electroacústicos, analógicos e digitais, concerto-instalação, *mixed media*, minimalismo, conceptualismo, jazz mimético; Vítor Rua, *in situ*, guitarra, improvisação estruturada, arranjo, computação, *electronics*, funcionalização interarte e multimédia; projecto Vidya Ensemble com carácter antológico; Sei Miguel, trompete, aventurou-se no arranjo dum ritual quase esotérico em seitas heterónimas, mítico, de actividade *sui generis*; Miguel Azguime, percussão, *electronics*, computação, ou como mentor do Miso Ensemble, da actividade paralela e notória de animador duma nova música contemporânea; Tozé Ferreira, infomúsica, teorizador; Nuno Rebelo, guitarra e miscelânea tecno-instrumental e situacionismos funcionalizados; Nuno Canavaro, “technokitsch”; a tendência emblemática de Paulo Curado; a *work in progress* de Rodrigo Amado, verve e retrospectão nos sopros dos Lisbon Improvisation Players; o trombone da passional Fala Mariam, cúmplice do mistério, e o do plurívoco Eduardo Lala; o inventivo e mágico David Maranhã, construtivismo, conceptualismo, dobro, instalação e heterofonia; Rafael Toral, guitarra, *electronics*, computação, panóplia de controladores



© LUIS VASCONCELOS



digitais, protótipos, *theremin*, projecto Space Program, *technobricoleur*, criador de vulto; Marco Franco, irénico na bateria; o distintíssimo Manuel Mota, epígono dum novo subjectivismo, guitarra, excelente figurismo, o sublime e a elegância, especialidade *fingerpicking*; o laboratório rizomático Vitriol, com o protagonismo do eminente Paulo Raposo, incontornável pensador da diferença, em obras multifárias de *field recordings*, mnemotecas sonoras, acções em tempo real, conceptualismos; Sérgio Carolino, exímio na tuba; Zul Zelub, parceria de Jorge Lima Barreto, piano e, Jonas Runa, computador e electrónica, atitude conceptual inspirada na teoria da energia musical irrealizada, e.a.).

Podemos levantar *en passant* outras significativas figuras solísticas, grupais, incidências organigramáticas e técnicas: (e.g.; Moeda Noise de Sei Miguel; D.W. Art; António Duarte, *electronics*; Osso Exótico; Luís Desirat, Bruno Pedroso, bateria; guitarristas como Paulo C. Martins, Gonçalo Falcão, António Chaparreiro, Pedro Gomes, Filipe Bonito...; violoncelo: o residente Ulrich Mitzlaff, Rute Praça, o meteórico Guilherme Rodrigues; Paulo Galão, clarinete; contrabaixo: o mundo imaginário de Margarida Garcia, outros como Miguel Leiria Pereira, Jorge Serigado, Pedro Gonçalves, Hernâni Faustino; o Red Trio, para piano, baixo e bateria; Travassos e o concretismo instrumental; Karlheinz Andrade & Kromleqs; Américo Rodrigues, voz e processamento, teatro musical, dinamização cultural e interarte; Bernardo Devlin, vocalismo; os percussionistas como o experimentado e introspectivo José Oliveira em “traps”, ou o morato César Burago, Miguel Cabral, Monsieur Trinité; no âmbito decorrente da informática: guitarra e ciber-bricolage de Emídio Buchinho; o construtivismo multimédia de Adriana Sá; Miguel Cabral, jogo de *tape*; o “info-free” de Vítor Joaquim, Carlos Santos; montagem sonora de Nuno Tudela; e/ou o *lap top* de André Gonçalves, Rui Leitão, Miguel Sá, Ian Ferreira, Nuno Moita, Ivan Franco, Nuno Morão, Bruno Bizarro, João Castro Pinto; quase todos desdobrando-se em polimórficas acções em *electronics*, interacção em tempo real, *processing*, *video music*, computação em *live electronic* e/ou multimédia, etc...

Houve e há inúmeros textos avulsos sobre a matéria em publicações periódicas, revistas, catálogos, livros, blogs; n.b. o incansável e meritório trabalho do prosélito jornalista/crítico/operador cultural Rui Eduardo Paes; es-

boça-se um círculo de editoras discográficas dedicadas à especialidade (e.g. Trem Azul/Clean Feed); organizaram-se festivais ou eventos de nível internacional (donde sobressai a *persona* maior de Rui Neves) exclusivamente dedicados à nova improvisação, os quais estimularam esta liberdade estética dos músicos portugueses.

Não podemos descurar as acções interartísticas constantes do vademécum dos músicos improvisadores – esta “seita” sempre foi resgatada por outras artes (e.g. dança, teatro, vídeoarte, performarte, cinema, instalação, escultura, ambiências e outras funcionalizações por qualquer motivo cultural); houve poliartistas arroláveis que apostaram no protagonismo da música improvisada; consideremos aqui também inserida a categoria do “não-músico” como um assumido e radiante estigma pós-modernista.

Um situacionismo tardomodernista caracterizou-se por grande liberdade inter-relacional da poliarte com a nova improvisação (e.g. Ernesto de Sousa, Puzle, António Palolo, Rui Órfão, Manoel Barbosa, Carlos Gordilho, Projecto/Progestos, António Olaio, Francisco Tropa; instalação/*performance* de Ricardo Jacinto; Pedro Tudela bricolage de José Eduardo da Rocha, Sérgio Pelágio, René Bertholo; Luís Bragança Gil, este com atitudes musicais/*performance*/instalação; a marginalia de Paulo Eno & Objectos Perdidos; discursos desviados de No Noise Reduction, João Paulo Feliciano, Albrecht Loops; João Ricardo; na coreografia de Olga Roriz, João Fiadeiro (teorizador da improvisação na coreografia), Vera Mantero (*vocalise*), Paula Massano, Clara Andermat, João Galante, João Samões, Francisco Camacho; imbróglio interarte/multimédia, com José Nuno da Câmara Pereira, Alberto Lopes, Edgar Pera, António Jorge Gonçalves, Hugo Barbosa, Iana Reis, Samuel Jerónimo, Hugo Olim, Joana Vasconcelos, e.a. que inserem o conceito de música improvisada em coreografia, performarte, instalação, cenografia, etc...; alguns poetas e declamadores líricos e/ou concretistas trabalharam em interacção com a improvisação musical (e.g. Ernesto M. Melo e Castro, João Perry, Silvestre Pestana, Eugénio de Andrade, Fernando Aguiar, Ana Hatherly, e.a.).

De maneira indelével, está vivo um circuito artístico português devotado à nova improvisação musical.

CCB CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO > António Mega Ferreira (Presidente) Ana Isabel Trigo Moraes (Vogal) Margarida Veiga (Vogal)
CENTRO DE ESPETÁCULOS > Direcção do Centro de Espetáculos Miguel Leal Coelho | Adjunta Para a programação Luísa Taveira | Adjunta para o planeamento Cláudia Belchior | Secretariado de Produção Carliia Ruiz | Produção Paulo Barbosa | João Oliveira | Patrícia Costa | Patrícia Costa | Paula Fonseca | Assistente de Produção Rita Bagombo | Directores de Cena Coordenador Jonas Ombregi | Directores de Cena Coordenador Jonas Ombregi | Patrícia Costa | Paula Fonseca | Assistente de Direcção de Cena Isabel Boavista | Secretariado de Direcção de Cena Yolanda Alves | Director Técnico Paulo Graça | Chefe Técnico de Palco Rui Marcelino | Secretariado de Direcção Técnica Sofia Matos | Técnico Principal Pedro Campos | Luís Santos (Real) | Seguro | Técnico Escenário Artur Brandão | F. Cândido Santos | Vítor Pinto | César Nunes | José Carlos Alves | Hugo Campos | Mário Silva | Ricardo Melo | Rodrigo Oliveira | Rui Croca | Chefe Técnico de Audiovisuais Nuno Grácio | Técnico de Audiovisuais Rui Leitão | Eduardo Nascimento | Luís Garcia Santos | Nuno Bizarro | Paulo Cacheiro | Nuno Ramos | Chefe Técnico de Gestão e Manutenção João Santana | Luís Teixeira | Vítor Hora



© NUNO MARTINS

JORGE LIMA BARRETO

Compositor/Intérprete (piano, polinstrumentismo acústico e electrónico) e musicólogo.

Licenciado em História e Filosofia na Universidade do Porto (1973), foi assistente das cadeiras de Introdução às Ciências Humanas, Crítica da Cultura e Estética, na Faculdade de Letras do Porto e da ESBAP (1974-1978). Teses de doutoramento na Universidade Nova de Lisboa: “Música & Mass Media”, 1993 e “Estética da Comunicação Musical”, no prelo.

Leccionou e actuou como músico e conferencista na Europa, Brasil, Moscovo, Nova Iorque, Beijing, Ásia, América do Sul e África, e nas principais instituições portuguesas para a Cultura.

Musicólogo prolífico publicou 12 livros sobre música, mediologia, interarte, e estética da comunicação; introduziu em Portugal, como ensaísta e crítico, sobre várias tipologias de ponta, eruditas ou populares. Publicou *Os Musonautas*, grandes entrevistas a músicos do mais alto nível histórico e mundial como Stockhausen, Berio, Boulez, Xenakis, e.a.

Fundou a Anar Band (1968-1982), grupo pioneiro da nova música improvisada; o Telectu, com Vítor Rua (1982-2008) e Zul Zelub, com Jonas Runa (2006-). Editou vários álbuns com Anar Band e Telectu (desde 1982); com Saheb Sarbib, *Encounters, 1977*; música improvisada (solo de piano, teclas, cordas e preparado); *piano dissonata*, 2001; solo piano e *radio sw*, 2004; *JLB com Daniel Kientzy 2006*; iniciou um estilo Fluxus como instrumentista (piano, teclados), *performance art* e *multimedia* e criou figuras ideológicas com bolas de pingue-pongue, luvas para *clusters* de arpejos, tablaturas e colagens no corpo do piano, posturas para microfone e câmara de vídeo, *electronic live* (“Neo Neon”, solo para *wavestation*, 2003; e.), música multimédia (*radio music*, concretismos, *midi*, duos com Carlos Zingaro, em “Kits”, 1992, “Kits 2”, 2008; “Zul Zelub”, para piano e rádio sw, 2008, e.a.).

Centenas de concertos, para piano, sintetizador, percussões e *electronics* com alguns dos mais eminentes músicos estrangeiros de jazz, e nova música improvisada em lugares prestigiantes; a sua prática musical indissociável da extensa discografia registada em fonogramas e videogramas (11 LP, 18 CD) especialmente com Telectu, em muitos festivais e eventos de música aberta e jazz. Música improvisada e/ou experimental (URSS, EUA, China, Brasil, Cuba, e.a.); como solista (e.g. Cascais Jazz 74, solo para piano e banda magnética com sons do 25 de Abril); solo de sintetizador no Public Theatre, Nova Iorque, 1979; seis concer-

tos de piano na EXPO 98; ZDB, CCB, CAM, Fantasporto, Festa do Avante!, Jazz em Agosto, e.a.).

Envolveu-se como figura tutelar no círculo artístico e musical (e.g. performarte, com Silvestre Pestana, Mineo Iamagushi, Manoel Barbosa, Joana Vasconcelos, e a maioria dos *performers* portugueses da idade de ouro; interveniente nas edições da Bienal de Cerveira, Alternativa Zero, *Performance Portuguese* no Centro Pompidou; *Árvore, Via Latina, IAC*, Fundação Gulbenkian, Serpentes, etc.); as primeiras criações de *video music* em Portugal, com Abel Mendes, envolvido em acções interarte, poesia, com Eugénio de Andrade, poesia fonética e visual com E.M. Melo e Castro e Silvestre Pestana. Compôs música para teatro (e.g. TEP, Cornucópia, Listopad) e cinema (e.g. *OM* de António Palolo) e realizou programas radiofónicos (e.g. *Os Musonautas*, Rádio Comercial, 1982-1991).

Idealizou e comissariou “Encontros de Música Contemporânea Portuguesa” (1994), “Ciclo de Nova Música Improvisada” (1989), “Festival de Vilar de Mourões” (1982), com Rui Neves, o ciclo “Fonoteca Files”, para eventos de música experimental (1999-).

Apesar de pertencer a um circuito musical restrito, a sua música, as suas apresentações mediáticas e os seus textos, o seu forte carisma, faz del J.L.B. uma personalidade reconhecida além do seu domínio da prática musical (e.g. J. Berrocal, Evan Parker, Paul Lytton, Barry Altschull, D. Kientzy, Jean Saheb Sarbib, Elliott Sharp, Louis Scavis, Sunny Murray, Gerry Hemingway, Reina Portuondo, E. Prévost, Tim Hodgkinson, John Butcher, Tom Chant, Ikue Mori, Han Bennink, Paul Rutherford, Gunter Sommer, Konrad Bauer, Giancarlo Schiffrini, Walter Prati; e.a.) o carácter pessoal e a diversidade dos materiais sonoros que divulga marcaram o domínio da música improvisada, da *electronic live*, do *rock*, do *Jazz-off*, da minimal repetitiva, da ambiental, da experimental, etc. Tradutor, escritor de textos para catálogos, discos, concertos, exposições, instalações, festivais, vídeos; políartista: performarte, caricatura, design, notação gráfica, espetáculos multimédia e inter-arte; colecionista de BD, miniaturas de automóvel, pintura, e.a.

É um dos mais profícuos ensaístas a debruçar-se sobre música de hoje, recorrendo a um universo lexical próprio como artista e pensador: “*praxis* gestualista; aventura pós-moderna”... “a música como amor e liberdade”...